

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Sociedade e melancolia: identidades e representações sociais do trabalho.

Julice Salvagni y Marília Veríssimo Veronese.

Cita:

Julice Salvagni y Marília Veríssimo Veronese (2009). *Sociedade e melancolia: identidades e representações sociais do trabalho*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2119>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/G15>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Sociedade e melancolia: identidades e representações sociais do trabalho

Julice Salvagni

Unisinos

julices@terra.com.br

Marília Veríssimo Veronese

Unisinos

mariliav@unisino.br

A caracterização do contemporâneo é fundamental para que se possa pensar as identidades e a conseqüente produção de subjetividade no âmbito do trabalho. Cada momento histórico se configura como reflexo dos modos de subjetivação vigentes em cada época. Depois de Freud, do estudo da histeria acerca da repressão sexual e da obsessividade com a produção em série, será que poderíamos pensar a contemporaneidade como a época da melancolia? A falta de perspectivas de longo prazo na vida laboral poderia levar a uma melancolia como traço característico do trabalhador contemporâneo?

Esta revisão bibliográfica trata de identificar, compreender e discutir as evidências da manifestação da melancolia nos sujeitos do trabalho, na esfera individual e coletiva. Compreendemos que, para tal entendimento, o trabalho deva contar com autores que componham o cenário sociológico, bem como, questões específicas dos sujeitos que são referências pelas teorias psicanalíticas.

Visto que a formação das identidades dos indivíduos está diretamente ligada aos seus modos de subjetivação, se faz mais que necessário esmiuçar os elementos da contemporaneidade que produzem esta alta incidência de indivíduos melancólicos, ou depressivos, na linguagem corrente hoje, advindos dos campos de trabalho.

O trabalho na sociedade contemporaneidade

*Hay manos capaces de fabricar herramientas
Con las que se hacen máquinas para hacer ordenadores
Que a su vez diseñan máquinas que hacen herramientas
Para que las use la mano.*
Jorge Drexler

A origem da palavra trabalho surge dos termos latinos *tripaliu* e *trabacula*, associados à tortura (ZANELLI, 2004), constituindo-se, portanto, desde a sua origem como uma atividade relacionada com o sofrimento e antônimo aos prazeres da vida. Na discussão sociológica do conceito moderno de trabalho encontramos diferentes compreensões, agora mais focadas ao trabalho enquanto transformador da vida da vida e da natureza. P. Guareschi (1993), no entanto, percorrendo o entendimento do termo volta-se à “fala do trabalhador” para mostrar que o trabalho, para seus atores, diz mais respeito a um fazer contínuo e cadenciado, provocador sofrimento psíquico e físico.

O exercício de uma atividade remunerada potencializa uma vida social mais efetiva, proporcionando reconhecimento nos grupos de referência, que são fundamentais na constituição identitária e no exercício da sociabilidade humana. O trabalho participa na construção de uma identidade coletiva e pessoal, tanto pela relação de espaço e tempo, quanto pelo sentimento de grupo e cultura. (GOULART, 2002). A insatisfação no trabalho está, muitas vezes, na origem de experiências de desenraizamento, solidão, desamparo e desespero, (SATO; SCHIMIDT, 2004), sintomas estes que são o que chamamos neste trabalho de melancolia.

O trabalho constitui-se em modos de coexistência que sustentam identidades, jeitos de ser e existir num mundo compartilhado. É vital no sentido estrito de ser garantia de sobrevivência mas, mais largamente, é vital como criação do mundo, como transformação da terra em lugar habitável, como

modo de enfrentar a inospitalidade da terra. (SATO; SCHIMIDT, 2004, p.7)

Definitivamente, o trabalho não pode mais ser visto como uma seqüência de operações repetidas, programadas, padronizadas, mas torna-se uma seqüência de eventos que se cruzam, modificam-se e ultrapassam o saber e a ação de um único indivíduo (BORGES, 2004). Assim, a Psicologia do Trabalho demanda uma nova abordagem ao sofrimento psíquico dos trabalhadores, que inclui o estudo do social às identidades e representações sociais deste sofrimento nos trabalhadores, a fim de possibilitar a criação de novas formas de o trabalho acontecer e significar.

Os processos e mecanismos entre o trabalhador e o contexto mais amplo da fábrica e da sociedade, vão compondo a subjetividade, bem como, as relações de dominação da nossa sociedade (GUARESCHI, 1993). É, portanto, através da identificação destes processos da composição da subjetividade e da organização hierárquica deste trabalho que se pode pensar nas possibilidades de uma nova concepção de trabalho e trabalhador.

E. Davel (1997) pensa a subjetividade levando em consideração não apenas o sujeito, mas todo o contexto no qual ele está inserido, o que compreende desde os grupos até as instituições. Para o autor, em meio ao cotidiano da empresa a subjetividade não está dada a priori, “ela não se inscreve num campo puramente racional, mas numa cadeia de significações imperceptíveis para o indivíduo ou para a organização à qual pertence” (p.61).

Distanciando-se de uma visão tradicional, R. Fernandes e J. Zanelli (2006) procuram desenvolver um conceito de identidade como algo fluido, multidimensional, dependente do contexto sociocultural das situações nas quais os indivíduos se vêem envolvidos, e como algo que possui forte componente relacional.

Ainda, é preciso conceber a compreensão das representações sociais que, para Junqueira (2005), se constitui a partir da necessidade de explicar a crescente importância da dimensão cultural nos fenômenos sociais de toda ordem, sendo que a cultura, a economia e a política são as principais dimensões consideradas para avaliar a realidade social.

A melancolia como sintoma social

Quando estiver na cabeceira da cama de seu paciente, não esqueça de perguntar-lhe onde trabalha, para saber se na fonte de seu sustento não se encontra a causa de sua enfermidade.

Bernadino Ramazzini

Z. Bauman coloca que a vida de trabalho hoje está saturada de incertezas e a fragilidade dos laços humanos acontece pelo desaparecimento das velhas garantias de organização social, sobretudo advindas do trabalho (BAUMAN, 2001). Já para C. Dejours (1988), a Psicodinâmica do Trabalho visa à coletividade de trabalho e não aos indivíduos isoladamente. O autor afirma que é na organização do trabalho que devem ser buscadas as causas dos problemas mentais e que se as causas são individuais, a solução também não pode ser individual. Ainda, P. Guareschi (1993) fala da construção da subjetividade do trabalhador que se forma através da relação do trabalhador, como pessoa, e o contexto amplo da fábrica e da sociedade nas suas diversas formas de dominação.

Conforme C. Dejours (1999) o mundo do trabalho pode até ser entendido numa conjuntura social que apresenta muitos pontos em comuns com uma guerra. Nela, as pessoas são divididas entre as que são excluídas do combate por não serem capazes e aos aptos, que por sua vez devem demonstrar desempenho sempre superior, no que diz respeito à disciplina, produtividade, disponibilidade e abnegação. Desta forma,

O sofrimento aumenta porque os que trabalham vão perdendo gradualmente a esperança de que a condição que hoje lhes é dada possa amanhã melhorar. (...) Assim, entre as pessoas comuns, a relação para com o trabalho vai dissociando paulatinamente da promessa de felicidade e segurança compartilhadas: para si, primeiramente, mas também para os colegas, amigos e os próprios filhos. (DEJOURS, 1999. p. 17)

A questão do sofrimento do trabalho foi amplamente discutida nos movimentos sociais dos anos sessenta, o que provocou reivindicações salariais e sobre as condições e o significado do trabalho, o que hoje foi quase sistematicamente descartado do debate pelas grandes organizações sindicais (DEJOURS, 1999). É visível o distanciamento dos trabalhadores aos seus órgãos representativos, que acontece pela centralização do poder dos sindicatos e, ainda, pelo temor das próprias instituições a punição vinda das organizações, como a demissão, por exemplo.

Isso reforça aos sujeitos o sentimento de “privilégio” unicamente pelo acesso a uma remuneração, pouco importando em quais situações esse trabalho acontece. Dejours vai chamar atenção para a “*precarização da precariedade*” (199. p, 51) que representa ao sujeito a intensificação do trabalho e o aumento do sofrimento subjetivo, a neutralização da mobilidade coletiva contra o sofrimento, a estratégia defensiva do silêncio, da cegueira e da surdez e, por fim, a individualização advinda do efeito da ameaça de demissão e precarização.

O mundo do trabalho atual vem carregado por uma série de modificações, que acompanham as transformações do neoliberalismo econômico. Assim, novos sujeitos se organizam em meio a este novo social, demandando da academia uma reformulação da compreensão do trabalho, de uma segunda configuração do social e a emergência de um novo território do saber, já que “ao processo de objetivação do social corresponde um processo de objetivação do indivíduo”. (SILVA, 2005. p. 27)

Para C. Dejours (1999) “não há crise psicopatológica que não esteja centrada em uma crise de identidade” (p.34). Assim, a identidade do sujeito vai se constituir muito em decorrência da sua relação com o trabalho, que se inscreve na dinâmica de realização do sujeito. R. Fernandes e J. Zanelli (2006) consideram que do ponto de vista social, a ordem que se estabelece resulta do compartilhamento que ocorre na interação humana. Do ponto de vista individual, a identidade é elemento chave da realidade subjetiva e se encontra em relação dialética com a sociedade. Nesta acepção, o indivíduo é produto e produtor do sistema social.

V. Herédia (1999) afirma que a história do ser humano enquanto ser social se cria através do trabalho e, desta forma, pela produção e reprodução das suas condições de vida pautadas pelo sistema capitalístico. Para a autora, a crise da sociedade do trabalho pode também representar a crise das instituições sociais como um todo, a não ser que o trabalho passasse a não ser mais tratado como uma categoria central da sociedade.

Se o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização do ser social, ele, no capitalismo, passa a ser utilizado como forma de degradação do próprio ser humano, no momento em que o despersonaliza e o submete a uma condição de desumanização, de miséria humana, de desapropriação de seu sentido de ser. Dessa maneira, o trabalho, que deveria ser uma fonte de realização do ser humano, reduz-se a condição de subsistência e de desumanização, pois o transforma em objeto. Essa é a lógica perversa do trabalho na sociedade capitalista. (HERÉDIA, 1999, p. 27)

Estas referências, à degradação do próprio sujeito e outras características anteriormente citadas, representam nada menos que a Melancolia, já muito presente na teoria Psicanalítica, porém agora voltada a um entendimento social da manifestação desta estrutura. A depressão, isto é, aquilo

que a tradição médica e a psicanálise chamam de melancolia, pode ser considerada a doença mental contemporânea.

Para S. Freud (1974), uma característica da melancolia que é a perturbação da auto-estima, aonde o sujeito acaba eliminando cada vez mais as oportunidades de mudança na sua vida se considerado a cada dia mais incapaz, deixando-se consumir por uma rotina que não lhe é em nada satisfatória. “Há o sofrimento dos que temem não satisfazer, não estar à altura das imposições das organizações de trabalho” (DEJOURS, 1999. p. 28) e nisso se incluem todos os processos de regulação da atividade laboral imposta pelas organizações e pelas exigências de mercado.

Na melancolia, o sujeito se auto-recrimina e sente-se culpado por não conseguir ser diferente a ponto de atender as expectativas que os outros tinham pra ele, o que muito acontece nos ambientes de trabalho – de ser sempre mais veloz, feliz, ágil, produtivo, etc. Desta forma, o sujeito acaba sustentando um sentimento de desamparo a cada dia mais exacerbado, que não consegue espaço social para ganhar outro sentido. “O melancólico é um cúmplice-testemunha da fragilidade do significante, da precariedade do ser. Padece de um sofrimento abissal que não chega a se significar. Ele tem o sentimento de ser deserdado de algo não nomeável, de alguma coisa irrepresentável.” (RAMALHO, 2001. p. 26).

Considerações finais

As indústrias são os gigantes das metamorfoses: da construção, transformação à criação da matéria. Também devem ser gigantes na transformação do cidadão e na garantia de modos de vida mais dignos aos que, de forma direta ou indireta, dependem deste trabalho. Assim, deve-se incluir o trabalhador nas decisões por melhorias na empresa e nas formas de fazer o seu trabalho, dando possibilidades reais dos sujeitos alterarem as sua relação com o trabalho.

Na clínica, os sujeitos podem agregar poder no plano simbólico, a fim de constituir novas formas de viver suas subjetividades. Ainda, essa discussão deve ser levada às empresas enquanto promotoras de um espaço de escuta aos sujeitos, onde estes poderão provocar transformações nas maneiras desse coletivo existir e significar a experiência laboral.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BORGES, M. E. S. *Trabalho e gestão de si: para além dos recursos humanos*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2004, vol. 7, pp. 41-49
- DAVEL, E. (org.). *Recursos Humanos e Subjetividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- DEJOURS. C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. *A banalização da injustiça social*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- FERNANDES, K. R; ZANELLI, J. C. *O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações*. Rev. adm. contemp., Curitiba, v. 10, n. 1, Mar. 2006 .
- FREUD, S. *Luto e melancolia*. In. Edição Stanolard das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GOULART, Í. B. (org.). *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- GUARESCHI, P. A; GRISCI, C. L. I.. *A fala do trabalhador*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HERÉDIA, V. B. M. *O trabalho na sociedade contemporânea*. In. Em nome da lei. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, 1999.
- JUNQUEIRA, L. *A noção de representação social na sociologia contemporânea*. Estudos de Sociologia, Araraquara, 18/19, 145-161, 2005. Disponível em www.fclar.unesp.br/soc.
- RAMALHO, R. M. *A vida por um fio*. In. Os nomes da tristeza. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre: APPOA, 2001.
- SATO, L. and SCHMIDT, M. L. S. *Work Psychology and Clinical Psychology: an essay of articulation focusing the unemployment*. Estud. psicol. (Natal). [online]. 2004, vol. 9, no. 2 [cited 2006-09-18], pp. 365-371.
- SILVA, R. N. da. *A invenção da psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ZANELLI, J. C. *O psicólogo nas organizações de trabalho*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.